

Da integração à segregação: os extremos da multiétnia nas equipes na Copa do Mundo de 2010

Por Janete Oliveira



A copa do mundo acabou no dia 11 de julho com a inédita vitória da seleção espanhola, mas a despeito dos louros ao novo membro do seleto grupo de campeões mundiais, a edição africana do maior espetáculo do futebol mundial trouxe também uma questão que se torna cada vez mais constante nas discussões no campo da comunicação intercultural: a cidadania dos imigrantes e sua consequente integração nas sociedades na qual escolheram viver.

No dia 25 de junho, o jornal O GLOBO publicava duas matérias sobre o lado não-integrador da imigração contemporânea: o preconceito. A primeira matéria na página 7 dizia

respeito ao jogo Brasil e Portugal no qual se esperaria dos brasileiros moradores de qualquer lugar a torcida por uma vitória de sua seleção. Mas, ao contrário do que se poderia pensar, esses imigrantes torciam ardorosamente por um empate.

Imigrantes brasileiros em Portugal encaram o jogo de hoje com apreensão, temerosos de que a rivalidade ultrapasse os limites do gramado e entre num campo conhecido - da xenofobia e preconceito." Cohen, Sandra, Empate para não complicar, Jornal O GLOBO, caderno de Esportes, p. 7, 25/06/2010

Apesar de morarem em um país no qual a língua não é uma barreira muito difícil de transpor, os imigrantes brasileiros em Portugal parecem se deparar com um obstáculo ainda maior que é o não reconhecimento da sua cidadania, não a legal, mas a social, a do cotidiano. Aquela que nasce da integração aos costumes, à sociedade e que faz todos se sentirem parte do mesmo país, partilhar dos mesmos princípios e crenças. Apesar da globalização, na teoria, ter aberto oportunidades e possibilidades de uma movimentação mais intensa entre culturas e nacionalidades, apregoando uma integração quase que natural de povos diversos, o que vemos atualmente, principalmente após a crise do final do ano de 2008, é uma inversão dos fluxos migratórios.

"Brasileiros são a maior fatia de imigrantes em Portugal - 25%, que correspondem a 107 mil regularizados e de 20 mil a 30 mil ilegais. Atualmente, o advogado Gustavo Behr, presidente da Casa do Brasil, a crise econômica e o desemprego de 10% fazem o fluxo se inverter: brasileiros regressam ao país, e portugueses também vão para a ex-colônias, como Brasil e Angola" Cohen, Sandra, Empate para não complicar, Jornal O GLOBO, caderno de Esportes, p. 7, 25/06/2010

A assimilação da diversidade que veio a reboque dos deslocamentos populacionais estimulados pela globalização encontra-se em um delicado equilíbrio entre "integração" e "segregação". Quando é de interesse, "integração", e quando já não é tão interessante, "segregação". Essa passagem pode ser ilustrada claramente na exposição midiática do caso da

seleção de futebol francesa, campeã em 98 com um time de filhos de imigrantes e imigrantes das ex-colônias e com sua maior estrela sendo um jogador de origem argelina, Zinedine Zidane comparando-se ao fracasso com direito a greve de jogadores na campanha de 2010. No entanto, o incidente de indisciplina provocado por Anelka (origem na ex-colônia Francesa, Martinica) e a liderança do movimento de rebeldia dos jogadores contra o treinador Raymond Domenech pelo capitão Patrice Evra (de origem Senegalesa), ao contrário de 1998, suscitou críticas e questionamentos sobre o patriotismo e legitimidade da atual equipe francesa “miscigenada”.

“Philippe Tétart, estudioso da história do esporte do Instituto de Estudos Políticos de Paris, disse que a tendência do racismo não é saudável, mas que era um dos resultados previsíveis na derrota na Copa do Mundo:

- A França está confusa sobre sua identidade e desconfortável com o crescimento do número e, por vezes, atitudes de seus imigrantes e dos filhos destes - disse . - É certo que nós estamos passando na França por questões de desobediência, falta de civilidade e perda de rumo, e esse grupo de jovens irritados é um reflexo preciso dessas questões.

Em 1998, a seleção francesa que ganhou o Mundial foi amplamente elogiada por sua natureza multiétnica - negros, brancos e árabes - vistos como símbolo de uma nação com diversidade, Mas, hoje, Tétart diz, a conversa é oposta.” Erlanger Steven, Uma Mancha ainda Maior, Jornal O GLOBO, caderno de Esportes, p. 10

Em contraponto a isso, no dia 06 de julho, a matéria “A receita multiétnica alemã” apontava como os dirigentes alemães atribuíam ao fator multiétnico da sua equipe, as boas exibições na competição.

Os trabalhadores imigrantes chegaram à Alemanha há décadas, mas até 1998 poucos filhos de estrangeiros tinham jogado pela seleção alemã. Até 1999, ano da reforma da lei de cidadania alemã, os governos conservadores diziam que a Alemanha não era uma nação de imigrantes. A realidade começou a mudar depois a eliminação da Copa da França, em que a seleção alemã, formada só por brancos, foi eliminada pela Croácia por 3 a 0 nas quartas de final, enquanto a equipe francesa se sagrou campeã com uma diversidade étnica que ia muito além do sangue azul francês.” Jornal O GLOBO, caderno de Esportes, p. 6.

Na mesma matéria, Thomas Maiziere, ministro dos Esportes da Alemanha elogia a miscigenação da equipe “*É um progresso tremendo: 11 dos 23 jogadores da Alemanha vêm de famílias imigrantes. É um exemplo bem sucedido de integração, um modelo para o nosso país.*”. A Alemanha possui uma população de sete milhões de estrangeiros, quase 10% de uma população de cerca de 82 milhões de pessoas, mas também é berço do movimento neonazista que, na mesma matéria, tem algumas opiniões apresentadas como o fato de não querer que um “estrangeiro” faça um gol ou que todos os “estrangeiros” como Khedira, Özil e companhia poderiam deixar o time que a Alemanha não sentiria a sua falta e coisas do gênero. Mas apesar desses comentários, a jovem seleção alemã recebeu vários elogios da imprensa alemã, bem como da imprensa mundial (disponível em <http://www.dw-world.de/dw/article/0,,5783061,00.html>, acesso em 03/08/2010) com efusivos elogios a Khedira, um “estrangeiro”. Pela experiência do acontecido com a equipe francesa, o grande teste será quando essa seleção amargar uma derrota ou algum problema com eles. Até quando durará o discurso de “integração”?

O futebol é um caso muito exemplar dos fluxos migratórios que podem se tornar permanentes e, para alguns, pode se tornar uma ameaça à “nacionalidade” das equipes. Tanto que a FIFA no final de 2009 anunciou que vai tomar medidas para coibir a crescente naturalização de sul-americanos no continente Europeu.

Joseph Blatter, presidente da Fifa, advertiu que adotará mais medidas para combater o crescente número de casos de jogadores sul-americanos que se naturalizam para jogar por outros países. A tendência terá sérias repercussões nos próximos Mundiais, afirmou Blatter durante uma visita ao México.

- Há um excesso de jogadores sul-americanos, a maioria do Brasil e da Argentina, que obtêm passaporte europeu com facilidade e isto pode resultar em uma Copa de 2014 disputada na maioria por jogadores do Brasil e da Argentina. Por esta razão devemos agir -declarou o suíço. (disponível em <http://globoesporte.globo.com/Esportes/Noticias/Futebol/0,,MUL1372906-9842,00.html>. Acesso em 03/08/2010)

O que essas matérias demonstram é que a interculturalidade positiva (integração) e a negativa (segregação) oscilam sobre uma delicada balança de interesse econômicos, sociais e culturais que ora os não-nativos são tratados como parte da nação, ora são párias estrangeiros que não compartilham dos mesmos valores que os nativos. O sentimento de autoproteção evocando a noção de “nacionalismo” é recorrente em países e populações que se sentem “ameaçadas” pelo Outro que se instala na sua vizinhança e que de alguma forma, tem que fazê-lo repensar a sua própria identidade, seus valores e sua própria sociedade. O confronto com o diferente implica em uma reconfiguração do seu próprio eu para de fato haver uma integração, uma vez que para interagir ou compreender outra cultura, há necessidade de conhecer valores diferentes e aceitar que não existe um único modo de encarar o mundo. Isso pode ser extremamente difícil e confuso.

A sociedade contemporânea globalizada que cada dia mais obriga a aceitar novos desafios multiétnicos e interculturais às nações, principalmente àquelas consideradas “desenvolvidas”, cada vez mais precisa de contribuições no campo da Comunicação Intercultural que possibilitem mais “integração” e menos “segregação”.